



MÃO DE OBRA ESPECIALIZADA

Mercado tem deficit de 75 mil engenheiros

Com evasão nas universidades e escassez de profissionais qualificados, país enfrenta dificuldades em atender às demandas do setor. Especialistas apontam soluções para reverter esse cenário

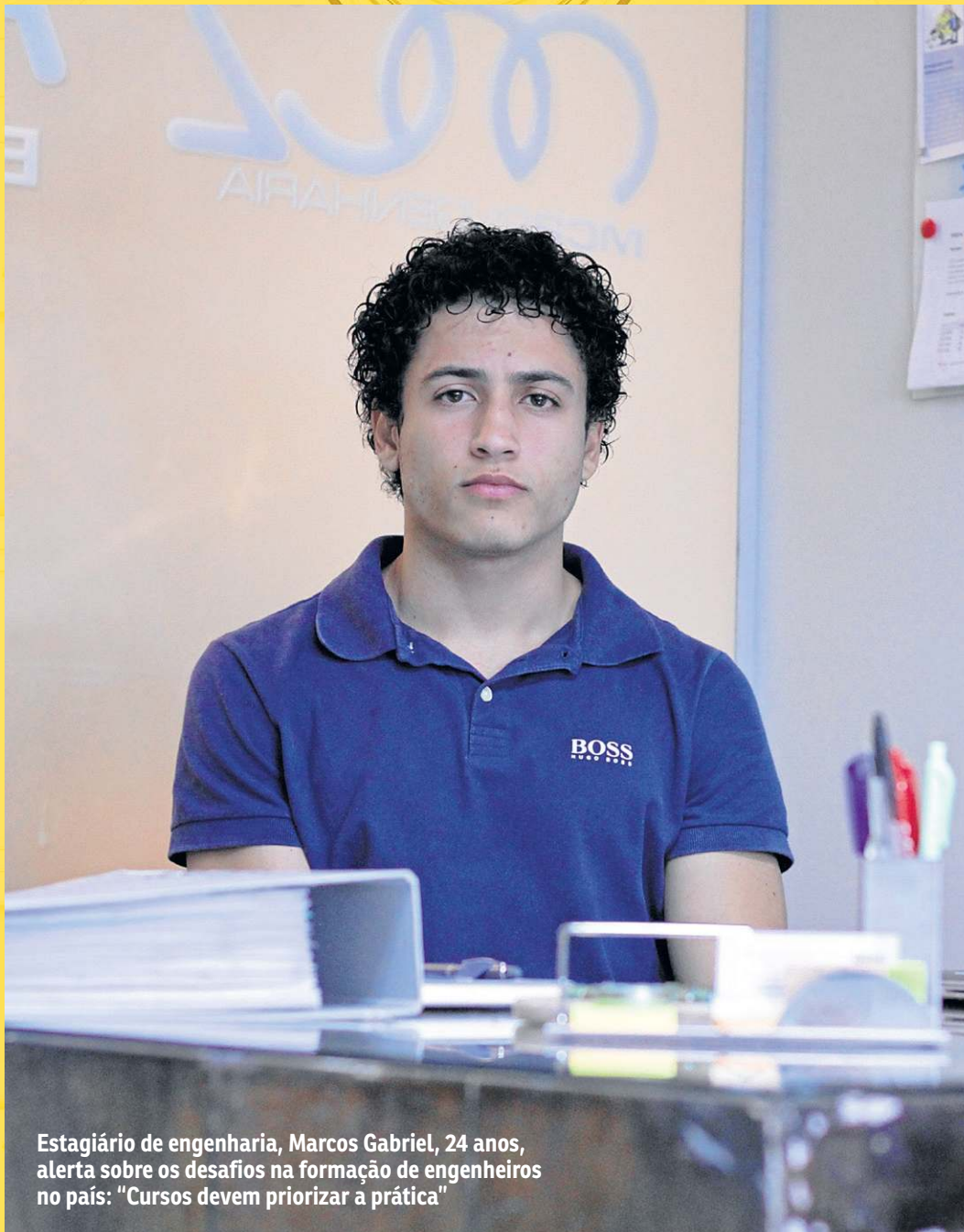
PEDRO SANTANA / CB

» FABIO NAKASHIMA*

O Brasil enfrenta uma crise na formação de novos engenheiros, com um deficit estimado de 75 mil profissionais, aponta a Confederação Nacional da Indústria (CNI). A lacuna revela não apenas a insuficiência de profissionais na área, mas também desafios estruturais e educacionais que limitam o ingresso e a permanência de jovens em cursos de engenharia.

Dados do Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (Confea) mostram que o Brasil forma cerca de 40 mil engenheiros anualmente, enquanto países do BRICs, como Rússia e China, chegam a formar mais de 450 mil profissionais no mesmo período. Ainda, entre 2014 e 2021, o Brasil perdeu cerca de 150 mil estudantes matriculados em cursos de engenharia, conforme o levantamento da CNI.

Essa evasão tem múltiplas causas, como destaca Marcos Gabriel Oliveira de Souza, 24 anos, estudante de engenharia mecatrônica na Universidade de Brasília (UnB). “99% dos meus colegas deixam de ser engenheiros para se tornarem programadores ou buscam concursos públicos em áreas fora da



Estagiário de engenharia, Marcos Gabriel, 24 anos, alerta sobre os desafios na formação de engenheiros no país: “Cursos devem priorizar a prática”

engenharia. É mais fácil e recompensador a curto prazo. Trabalhar como engenheiro exige muita obstinação ou, muitas vezes, o ‘caminho das pedras’, como ter familiares na área para facilitar o acesso ao mercado.”

A professora Michelly de Souza, titular do Departamento de Engenharia Elétrica e vice-reitora de Extensão e Atividades Comunitárias da Fundação Inaciana Pe. Saboia de Medeiros (FEI), aponta para a crise econômica vivida pelo Brasil entre 2014 e 2021. “A redução de investimentos em infraestrutura e em desenvolvimento tecnológico gerou incertezas quanto às perspectivas de carreira, levando os jovens a optarem por cursos com maior previsibilidade de empregabilidade no curto prazo.”

Além disso, as deficiências no ensino básico em ciências exatas comprometem a preparação de futuros engenheiros. “Inicialmente, o interesse da criança e do jovem precisa ser despertado de forma lúdica, aguçando a curiosidade e o interesse em resolver problemas reais. O direcionamento diferente deve ser com foco no propósito, e não nos meios para alcançá-lo”, destaca Michelly.